Jornal do Colégio ETAPA

segunda quinzena de fevereiro de 2010 – número 492

Theophilo Asfora Lins entrou em 2004 na Escola Paulista de Medicina, direto do colégio. Formou-se em 2009 e atualmente está fazendo Residência Médica em Ortopedia. Como diz, pretende ainda estudar bastante e aproveitar a Residência como aproveitou a faculdade, porque está se preparando para a vida profissional.

▶ Theophilo Asfora Lins

"Quanto mais bem preparado você for, maior a chance de se dar bem na vida."

JC – O que levou você a estudar no Colégio Etapa?

Theophilo – Resolvi vir para cá porque achava que ia fazer Engenharia e pensava até no ITA. Eu sabia que a preparação para o ITA tinha de ser diferente e que o colegial do Etapa é muito forte. Mas, aqui, no 3º colegial, quando participei de uma visita à Poli, concluí que Engenharia não tinha a ver comigo. E acabei mudando para Medicina.

Como se deu a escolha por Medicina?

Assim, um dia acordei e falei: "Vou fazer Medicina." Meus pais são médicos, mas eles não tiveram nada a ver com isso. Eles nunca acharam que eu ia fazer Medicina. No dia em que contei a eles, minha mãe não entendeu nada. "Mas você não queria Engenharia?" Foi mais ou menos assim que aconteceu. Quase de um dia para o outro.

Quando optou por Medicina você tinha noção da enorme dificuldade de entrar direto nesse vestibular?

Lógico, lógico. Todo mundo que presta um vestibular que tem mais de 100 candidatos por vaga corre o risco de ficar de fora. Mas eu acreditava que ia passar porque estava estudando bem. Eu tinha confiança em mim, sabia que podia passar. Se não passasse, vestibular, como o carnaval, todo ano tem. Não havia problema.

No 3º ano, que esforço você teve de fazer para se preparar para o vestibular?

O 3º colegial começou a apertar mais em agosto, depois das férias. Eu gostava muito de jogar handebol, joguei no Pinheiros, era federado, mas não estava conseguindo conciliar as duas coisas e tive de escolher: parei de jogar.

Na faculdade você voltou a jogar?

Joguei na faculdade durante seis anos, participei das Intermeds. Também voltei a jogar em clubes. Joguei em Guarulhos até as finais da Liga Nacional em 2005. Mas aí já era outra história, não tinha mais aquela coisa de querer chegar na seleção, ir ao mundial. Muitos dos que jogavam comigo naquela época foram jogar fora, na Itália, na Alemanha. Eu acabei largando antes. Mas não me arrependo de nada. Os anos em que joguei foram bons, viajei bastante, conheci um monte de gente. O que o esporte podia proporcionar para mim, proporcionou.

Como foi o início do seu curso na Escola Paulista de Medicina?

Quem entra para fazer Medicina acha que vai vestir o avental no primeiro dia, examinar paciente, começar a dissecar cadáver. Mas no início tem muita aula teórica e pouca prática. Na Anatomia, o 1º ano é anatomia descritiva, você só estuda peças já dissecadas, detalhes anatômicos. Você só disseca no 3º ano.

➔

Nesta Edição

entrevista
Carreira – Medicina 1
entre parêntesis
O frasco envenenado 4
mas, más, mais
Mesmo, próprio, só 4
conto
Dentro da noite – João do Rio 5
artigo
Emagrecimento seletivo. 8

O que você estudou em cada ano?

No 1º e no 2º ano são as matérias básicas: Anatomia, Histologia, Embriologia, Fisiologia. Depois vêm Biofísica, Biologia Molecular, Bioquímica. Quando você termina isso, já no 2º ano, começam Parasitologia, Microbiologia, você vai estudar protozoários, fungos, os encapsulados, não encapsulados, o que é a cápsula. Entra na parte de proteínas de parede [celular], onde agem alguns antibióticos. O 3º ano começa a ficar mais próximo da expectativa de todo mundo: você aprende a examinar o paciente, tem aula teórica, aula prática, você vai em grupos de 7, 8 alunos para o hospital e o professor mostra como se examina. No 3º ano tem ainda Epidemiologia, Saúde Pública, Estatística. No 4º ano a gente assiste a muita aula sobre diversos assuntos: Neurologia, Gastroclínica, Gastrocirurgia; entra no bloco da Cardiologia, Cirurgia Cardíaca, Cardiologia Clínica. Tem o bloco locomotor, tem aula de Reumatologia, de Ortopedia. O 4º ano é bastante teórico também, mas mais voltado para Medicina. Tem muita aula sobre patologias, como é o quadro clínico do paciente.

Quando começa efetivamente a parte prática?

O 5º e o 6º ano são os anos do Internato e, aí sim, é só prática, com uma ou outra aulinha. Você fica no pronto-socorro da Cirurgia, pronto-socorro da Clínica, da Ginecologia. A turma é dividida em vários grupos e você roda por diversos blocos. Durante o ano você passa no que a gente chama de generalidade, porque o médico generalista, que é o clínico geral, tem de saber um pouco de tudo. Ele é aquele cara que consegue resolver a maioria das doenças comuns. Quando o paciente tem uma coisa mais grave, uma doença mais rara, é encaminhado para o especialista. No 5º e no 6º ano a gente tem oportunidade de passar por todos esses estágios.

Aí você já lida bastante com pacientes?

Sim. No pronto-socorro da cirurgia damos o primeiro atendimento. Se chegar paciente para fazer sutura, fazemos o atendimento de emergência, sempre sob supervisão de um residente, um professor. É difícil ficar sozinho num estágio prático. Mas já temos autonomia de atender sozinhos e normalmente só chamamos o professor para discutir alguma conduta. Ou carimbar a receita. O carimbo a gente só tem depois de formado.

Durante o curso você chegou a ter alguma dúvida em relação à carreira?

Se era Medicina mesmo que eu queria? Na verdade, no 2º ano da faculdade todo mundo tem essa dúvida, porque é o ano mais longe do hospital, em que são estudados assuntos que não agradam muito a ninguém. É o ano de Biologia Molecular, Microbiologia, matérias de laboratório, matérias básicas. Então, no 2º ano surge um *insight* assim: "Estou no lugar errado." Isso é comum, todo mundo passa por isso. Quando eu fiquei muito irritado mesmo, já não estava mais aguentando assistir àquelas aulas, fui passar dez dias na praia. Ao voltar, estava tudo certo.

Você participou de outras atividades durante o curso, além da parte esportiva?

Fiz Iniciação Científica no 3º ano para ver como era. Era sobre queloides. Cicatrização normal, anormal, cicatrização do diabético, do hipertenso.

O curso da Paulista hoje é diferente de quando você começou a estudar lá?

É diferente. A minha turma foi a turma da transição. Antes, o curso era mais compartimentado. Cada disciplina fazia o seu curso da maneira que bem quisesse. Quando minha turma entrou eles criaram o que chamaram de módulos. Por exemplo, no 1º ano tinha um módulo que juntava Anatomia, Embriologia e Histologia. Quando você estava na Histologia vendo lâmina de músculo, na Embriologia você estava vendo como era a formação dos músculos e na Anatomia você estudava o nome dos músculos, onde cada um fica. Já não era mais compartimentado. Minha turma pegou essa mudança, que ainda não estava muito bem estruturada. Mas as turmas que vieram depois fizeram um curso bem diferente do meu.

Mudou para melhor?

Eu acho que sim. Porque você acaba estudando o mesmo assunto de diversos ângulos.

De qual ano você mais gostou?

O 6º ano, com certeza, é o melhor. É quando você consegue juntar todo o conteúdo teórico e prático, acerta os diagnósticos, atende o paciente melhor. As coisas começam a fazer sentido. Também é o ano em que a gente estuda muito para fazer a prova de Residência. Estudar bastante ajuda as coisas a fazerem sentido.

No último ano, sua maior preocupação era a prova de Residência?

Com certeza.

Todo mundo fica preocupado com isso?

Tem gente que fica mais, tem gente que fica menos, depende da especialidade que você vai prestar. Algumas especialidades são um pouco mais tranquilas de entrar e outras são mais concorridas.

Você escolheu qual especialidade?

Ortopedia. Não é das maiores notas, mas ultimamente tem subido bastante a nota de corte.

São quantas vagas?

Na Paulista eram 13 vagas abertas, com 130 inscritos. Na Dermatologia chegou a 25 por vaga.

O que motivou você a ir para a Ortopedia?

Sempre pensei em fazer cirurgia e minha dúvida era se prestava Cirurgia Geral ou Ortopedia. Fiquei com a dúvida até o 6º ano, quando há um estágio eletivo. Eu fiz esse estágio na Casa da Mão, como a gente chama. É um prédio com quatro salas cirúrgicas em que são feitas de 12 a 15 cirurgias todos os dias. Passei um mês lá e acabei gostando bastante. Ortopedia é uma especialidade que junta várias coisas interessantes: medicina, esporte, cirurgia, trauma, principalmente de acidente.

Como foi a prova de Residência?

É como um vestibular. Não importa que especialidade você vai fazer, a prova é igual para todo mundo. A diferença é que os alunos que prestam provas de Residência são todos médicos e já foram previamente triados pelo vestibular. Não tem candidato ruim e todo mundo sabe fazer prova. É uma concorrência grande em número e também uma concorrência muito bem preparada. Por isso o estudo direcionado para a Residência tem de ser bem intensivo.

É prova única?

Na Paulista tem uma prova-teste e depois uma prova prática. Na prova prática entram blocos de Cirurgia, de Pediatria, de

Ginecologia e Obstetrícia. Tem uma prova no computador e tem prova escrita. Tudo no mesmo dia. Depois disso ainda tem uma entrevista e análise de currículo.

Como está o mercado de trabalho?

A OMS [Organização Mundial da Saúde] preconiza que tenha um médico para cada mil habitantes. Em São Paulo há um para 250. A quantidade de médicos é imensa e não para de abrir faculdade de Medicina. No Estado de São Paulo são 31 faculdades de Medicina, sendo que, dessas, oito não têm ainda aluno formado. Isso é um problema porque não existem hospitais para todos os alunos fazerem Internato. No Hospital São Paulo, da Paulista, no Hospital das Clínicas, da Pinheiros, e na Santa Casa mal cabem os alunos dessas três instituições. Muita faculdade não tem onde botar aluno no Internato. Por isso, quem quer fazer Medicina tem de tomar cuidado ao escolher uma faculdade, se tem tradição, se é uma faculdade nova – isto faz diferença.

Há espaço para todos?

Emprego sempre tem. Mas é a história da oferta e da demanda, quando aumenta a oferta diminui o salário. Quem faz Medicina não morre de fome, mas é uma escolha errada se pensa em ficar milionário. Se você vem para a Medicina única e exclusivamente pela remuneração – isso vale para qualquer outro curso –, acho que não vai se encontrar. Agora, se você quer fazer Medicina porque gosta, porque se sente realizado em poder salvar uma vida, poder atender alguém, o caminho é esse.

Quais as qualidades que uma pessoa precisa ter para ser um bom médico?

Difícil generalizar. Depende da especialidade que você quer seguir. Normalmente as pessoas mais objetivas, mais resolutas têm uma tendência a fazer especialidades cirúrgicas. O paciente vem, você opera, resolve o problema dele. As pessoas que se preocupam mais com o envolvimento, com o ambiente onde o paciente vive, como é a vida dele, que gostam de acompanhar o paciente mais de perto, costumam fazer especialidades clínicas. Não existe um perfil único. Mesmo dentro da minha turma existem pessoas muito diferentes umas das outras. E acho que todas elas têm vocação para ser médico.

Você acha que está preparado para atender sozinho um paciente?

A gente não sai confiante, mas sai preparado da faculdade, porque no Internato, no 6º ano, já atendemos sozinhos os pacientes, já sabemos as condutas. Lá sempre tem alguém mais velho – residente, ou chefe do pronto-socorro, ou professor –, alguém com quem você pode discutir uma conduta. Quando você vai trabalhar fora do ambiente acadêmico, pelo menos nos primeiros plantões você se sente um pouco sem amparo. Mas as grandes emergências, um infarto, um edema pulmonar, um AVC [acidente vascular cerebral], as primeiras condutas que você tem de tomar para tirar o paciente do risco de morrer, a gente sabe fazer. Tirado o paciente do risco, da emergência, há tempo de ver com qual medicação você vai entrar, o que você vai fazer, discutir o caso com outras pessoas.

Quais são seus planos para este ano?

Mais que qualquer coisa, é aproveitar a Residência do mesmo jeito que aproveitei a faculdade. Tem de estudar bastante, a hora de aprender é agora. Discutir quantos casos puder, operar o máximo que puder, estudar o máximo. Porque você está se preparando para sua vida profissional. Quanto mais bem preparado você for, maior a chance de se dar bem na vida.

Como você se vê daqui a 10 anos?

Eu consigo ver pelo menos os próximos cinco anos. Nos próximos cinco anos ainda me vejo sendo residente no Hospital São Paulo. Vou fazer pelo menos três anos de Residência de Ortopedia Geral e depois vou escolher uma especialidade – ombro, quadril, trauma, coluna. E isso pode ter mais um ano ou dois. Depois disso, a transição de residente para a vida de profissional formado já é um pouco mais difícil de enxergar, porque depende das oportunidades que aparecerem. Ou, se decidir abrir um consultório, em que bairro será, se aqui em São Paulo ou no interior. Acho que está um pouco longe para pensar nisso, imaginar onde.

Você mantém contato com os amigos da época do colégio?

Sim. Na semana passada mesmo fui à Medicina Unicamp na formatura de uma amiga que era da minha sala no Etapa. Converso ainda com alguns, é óbvio que não todos, muita gente se espalha pelo mundo. Mas com uns e outros até hoje a gente conversa.

O que você diria a quem está pensando em prestar Medicina?

Se você pensa em fazer Medicina, acho importante ir conhecer as faculdades, ver como é o dia a dia. E saber que, durante o curso e depois de formado, você vai se doar bastante, vai em alguns momentos abrir mão de algumas coisas em prol da sua vida profissional. Fora isso, é conhecer a faculdade mesmo, ir lá um dia. Na Paulista a gente leva pessoas de colégio que tenham interesse. Ou, se você tem algum amigo ou parente que seja médico, pergunte como é e como não é, informe-se da melhor maneira possível. É uma decisão difícil para se tomar com 17, 18 anos, mas não tem jeito. É entrar no avião, sentar na janelinha e ver para onde o vento te leva. Mas posso dizer que ninguém começa o curso de Medicina e abandona no caminho. Na minha turma todos que entraram se formaram.

Apesar daquelas dúvidas que surgem no 2º ano, todo mundo ficou?

Todo mundo ficou. A Medicina não é igual para todo mundo. Existem diversas especialidades em que as pessoas se encaixam melhor que em outras. Dentro da Medicina todo mundo se encontra. Eu estou muito feliz com o que estou fazendo hoje. Não consigo me ver fazendo outra coisa senão sendo médico.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343